

'Mágoa política' motivou Sarney

A discussão entre o Executivo e o Congresso em torno do recesso parlamentar provocou um curto-circuito nas relações entre o Palácio do Planalto e o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP). Ontem, antes da conversa dos presidentes do Senado e da Câmara com o presidente Fernando Henrique, assessores do Planalto atribuíam a uma "mágoa política" a resistência de Sarney em convocar o Congresso para votar as emendas constitucionais no recesso.

"O Sarney não está sendo prestigiado pelo Governo como deveria", disse um interlocutor frequente de Fernando Henrique e Sarney, lembrando que o presidente do Senado tem sido pouco consultado pelo Governo. Além disso, segundo os parlamentares, embora Sarney não tenha pedido cargos federais a Fernando Henrique, seus aliados estão aborrecidos com a demora nas nomeações na Eletronorte e na Sudam.

Intriga — "O presidente Sarney nunca pediu nada, mas o atendimento da bancada é, indiretamente,

uma forma de prestigiá-lo", disse ontem o senador Gilvan Rocha (PMDB-AP). Um outro aliado de Sarney, o líder do PMDB, Jáder Barbalho (PA), ficou insatisfeito porque o governador do Pará, Almir Gabriel, tomou a dianteira na indicação para a Sudam. "E o presidente Sarney tem sido um grande colaborador do Governo", completou Rocha.

Os aliados do presidente do Senado garantem que a defesa do recesso atende ao desejo de 90% dos senadores, a maioria sem férias há anos, que quer o recesso e não vê urgência na questão das emendas. "O presidente Sarney não deve nada ao Palácio do Planalto. Estão querendo intrigá-lo", afirmou um outro político do grupo Sarney, senador Gilberto Miranda (PMDB-AM). Segundo ele, a resistência em convocar o Congresso ou em encurtar prazos de tramitação das emendas constitucionais não é nenhuma represália contra o Governo. "Na verdade, estamos todos cansados. E não vemos motivo para aprovar correndo emendas tão importantes", disse Miranda.